

O êxito cubano com a Covid-19, explicado de dentro

Cuba é um dos países do mundo com um dos sistemas de saúde mais reconhecidos, e durante a pandemia de Covid-19 isso foi demonstrado mais uma vez. Os números testemunham isso: ontem houve 67 mortes e uma proporção de 6 por milhão de habitantes. Muito melhor que Portugal (102) e Alemanha (81) e não estamos mais falando da Suécia (265), dos EUA (205) ou o estado espanhol (540 por milhão). Em Cuba, a média mundial é de 31. E na Espanha, 540. Devido ao seu prestígio, durante anos os cubanos tiveram 28.000 médicos em missões internacionais, e durante a atual epidemia uma equipe foi até Andorra para colaborar. O estado espanhol não permitiu que uma parte dela chegasse ao país de Valência e Catalunha, como havia sido solicitado.

As diferenças já podem ser vistas nos longos e detalhados relatórios médicos publicados pelo ministério cubano. Segundo o relatório de ontem, uma pessoa morreu, há 2.744 pessoas internadas em hospitais e 6.515 estão sendo vigiadas de casa. Estes relatórios explicam, sem dar nomes, caso a caso. Os críticos, os graves e os falecidos. Todos eles. Por exemplo, o falecido no relatório acima mencionado é explicado da seguinte forma:

“Morreu um cidadão cubano de 58 anos, do Centro de Proteção Social, no município de Cotorro. Ele tinha uma história patológica pessoal de alcoolismo e doença pulmonar obstrutiva crônica. Ele foi admitido por apresentar diarreia e esgotamento. O exame físico mostrou marcada deterioração física e nutricional, presença de sibilantes em ambos os campos pulmonares, estabilidade hemodinâmica. De repente apresentou intensa dispnéia, bradicardia, hipotensão e cianose. Ele teve parada cardiorrespiratória; manobras de reanimação cardiopulmonar foram realizadas, mas não foram

eficazes. Lamentamos profundamente os acontecimentos e transmitimos nossas mais sinceras condolências à sua família e amigos”.

Um a um, os relatórios críticos, sérios e positivos do Covid-19 são explicados nos relatórios diários. Inimaginável em nossa terra.

Nós somos fortes na prevenção

Há alguns dias o Ministério da Saúde cubano informou sobre os três medicamentos que utiliza nos casos mais graves. São os anti-retrovirais Kaletra, Interferon Alpha-2b e cloroquina. Mas a grande força do sistema cubano não é a tecnologia ou os recursos mais recentes. É saúde pública, medicina básica e prevenção. A Dra. Tania González Vázquez, médica da atenção primária do bairro de Vedado, em Havana, e há vinte anos professora da Universidade de Ciências Médicas da Escola Latino-Americana, explica isso ao VilaWeb. Nós em Cuba somos fortes na prevenção, e com o Covid-19 isso tem nos ajudado muito. Utilizamos medicamentos monoclonais ou mesmo homeopáticos, gotas sublingual que estimulam o sistema imunológico e que já utilizávamos para a dengue. Fazemos terapia pró-ativa para evitar que os pacientes piorem, usamos retrovirais, antibióticos e Interferon Alpha 2B por via intramuscular. Também oseltamivir. Tudo isso ajuda a prevenir. Porque parte do sucesso é que não se espera que sejam sérios. Em Cuba não temos recursos, e com o bloqueio, ainda menos; a situação tem piorado. Mas nós temos treinamento e estamos acostumados a trabalhar sem recursos. É a população, por exemplo, que fez as máscaras de três camadas, grossas. Por outro lado, às vezes nos faltam luvas.

O Dr. González trabalha na policlínica Corinthia, em Havana, que abrange 22.000 pessoas com 23 consultórios médicos. Ela atende pessoalmente 1.033 pessoas, das quais 342 são idosas, distribuídas entre 417 famílias: “Dividimos as policlínicas em duas áreas: uma para pacientes com problemas respiratórios e

outra para outras enfermidades. As duas zonas não se comunicam. No nosso tivemos nove casos e duas mortes.

Ficar em Cuba tem sido uma boa ideia

Lena Solà Nogué, nascida em Barcelona, vive em Cuba há muito tempo desde 2015 porque trabalha no ateliê do artista plástico Wilfredo Prieto. Semanas atrás ela teve que decidir se ia ficar aqui e passar a pandemia ou voltar para a Catalunha: 'No final eu decidi ficar aqui e eu acho que foi uma boa idéia', disse ela ao VilaWeb. Eu o vivo muito mais relaxado do que você. Vejo que há aqui um controle muito mais refinado do que a falta de controle que tenho visto dos governos europeus. Cuba falha em muitos casos, mas em momentos de crise ou emergência é um país que dá bons resultados. Você o vê com ciclones ou furacões, com poucas mortes, e agora ele foi visto novamente. Sob essa aparência de ruína, o cuidado com a saúde funciona. De outro modo, mas funcionam. As pessoas aqui têm muito mais conhecimentos médicos básicos do que nós. A população, em geral, está mais informada".

Estes são alguns aspectos fundamentais para o sucesso da gestão da Covid-19 na ilha.

Confinamento

As pessoas estão obrigadas a seguir em casa, e se você sair por necessidade você tem que ir com uma máscara. Por outro lado, existem bairros, ou prédios isolados. Você não pode entrar ou sair e eles são controlados pela polícia. As pessoas cumprem o confinamento? Temos de tudo, porque não há percepção de risco. Isso acontece o tempo todo. Todos pensam que "não vai me tocar", diz o Dr. Gonzalez. "Acho que em Barcelona o confinamento foi feito muito tarde, e aqui apenas com quatro casos as coisas começaram a ser fechadas", diz Lena Solà. "Mas mesmo antes das autoridades dizerem isso. Todos estavam à frente da curva. As pessoas pediram que a escola fosse fechada antes que as autoridades a pedissem. Caminhões com megafones

avisam para evitar saídas desnecessárias e controlar que todos usem máscara ou vão em grupo. A maioria das pessoas não pode ir ao trabalho.”

Crianças

“As crianças têm que estar em casa e ter suas aulas na televisão”. Das 8:00 às 9:00 dão aulas de um curso, das 9:00 às 10:00 outro, e assim por diante. E assim eles podem acompanhar as aulas. Apesar de cada vez mais pessoas estarem usando seus celulares, e de os dados serem acessados com muita frequência na Internet, é principalmente a TV que funciona. Todos o seguem. E as crianças, hoje em dia, seguem o curso na TV”, diz Lena Solà.

Pesquisa

“Vamos às casas das pessoas, porque nem todos têm celular ou telefone e, sem entrar, perguntar se têm sintomas, desconforto, quantas pessoas estão vivendo, se há idosos ou se estiveram em contato com casos confirmados. Casa por casa. Nós fazemos isso em toda a população. É muita gente e é por isso que os alunos de enfermagem foram mobilizados. Mas também a população que perdeu seus empregos. Eu, por exemplo, com um trabalhador de uma companhia telefônica e um professor universitário. Ambos me ajudam com as investigações. A universidade e a companhia telefônica lhes pagam 60% do salário, mas eles trabalham comigo, não com eles”, diz o médico.

Centros de Isolamento

Além dos cuidados primários e hospitais, existem centros de isolamento. Alguns são pequenos hotéis ou escolas que foram criados. Aqui estão pessoas que não têm sintomas, mas sabemos que têm estado em contato com pessoas doentes. Ou em contato com pessoas que não estão infectadas, mas que tenham estado em contato com casos confirmados. Nós os isolamos por quatorze dias em celas de duas pessoas e os acompanhamos. Se eles

apresentarem sintomas, vão para o hospital. E se não, quando eles saem do centro de isolamento eu os sigo em casa', diz ela.

Hospitais

"Começamos a usar plasma de pacientes recuperados e ele é usado com pacientes muito sérios e dá bons resultados. Nós já estávamos fazendo isso com o Ebola", diz o médico.

Aeroportos

Todos que entraram no país tiveram sua temperatura tomada e foram admitidos nos centros de isolamento durante quatorze dias. Tenham eles sintomas ou não. E com vigilância diária. E para aqueles com mais de sessenta anos nós demos estimuladores celulares. Quando demitimos os viajantes, nós os seguimos em casa", disse ela. Os cubanos, quando chegam, antes de levar a mala, têm que passar por um controle médico: depois a enviam para um consultório médico. Isso sempre aconteceu, não é de agora. Sempre que entravam, antes de pegar as malas, explicavam onde haviam estado", conclui Lena Solà Nogué.

03/05/2020